

FERNANDO II, rei-consorte de Portugal

Viena, 1816 – Lisboa, 1885

Pertencendo ao ramo católico dos Saxe-Coburgo e Gotha, uma das famílias mais influentes no quadro político europeu do século XIX, D. Fernando nasceu em Viena, a 29 de outubro de 1816. Em 1836 casou com D. Maria II de Portugal, tornando-se rei-consorte após o nascimento do filho primogénito, futuro D. Pedro V, no ano seguinte (Fig. 1). Conhecido pelo cognome de “rei-artista”, que lhe foi cunhado pelo escritor António Feliciano de Castilho, dedicou-se de forma empenhada ao desenho, tendo-se destacado inicialmente na gravura a água-forte e, a partir de meados da década de 1870, na pintura sobre cerâmica. A grande obra de D. Fernando foi, todavia, o Palácio da Pena, resultante da adaptação e ampliação do antigo mosteiro quinhentista de Nossa Senhora da Pena na Serra de Sintra, adquirido em 1838 para residência de veraneio e tornado num marco do revivalismo eclético europeu.

Nomeado em 1836 “protetor” da Academia de Belas Artes de Lisboa, em conjunto com D. Maria II, no decreto de criação daquele estabelecimento de ensino artístico, veio a acompanhar de forma próxima o seu desenvolvimento. Conhecedor das carências da instituição e das aspirações do marquês de Sousa Holstein (1838-1878; vice-inspetor a partir de 1862) em enriquecer e expor publicamente o acervo artístico, cedeu parte assinalável da dotação que lhe era atribuída pelo Estado para financiar a compra de pinturas, num gesto mecenático estranho ao país. Em causa estava a incorporação de obras atri-

buídas a mestres estrangeiros da pintura antiga em que o acervo da Academia era deficitário, sendo constituído, em larga medida, por pinturas nacionais de temática religiosa oriundas dos conventos masculinos extintos pelo Liberalismo. Procurava assim o régio mecenas engrandecer a galeria nacional que há muito se reclamava para Lisboa e, simultaneamente, fornecer qualificadas ferramentas para o ensino, de acordo com a tradicional prática académica que impunha a cópia continuada de modelos.

Materializada em 1865, a doação financeira de D. Fernando II repetiu-se nos anos seguintes até 1869, num total de 65 contos de reis aplicados, na sua esmagadora maioria, na aquisição de



FIG. 1 Joseph-Fortuné Layraud, *Retrato de D. Fernando II*, óleo s/tela, 1877. PNP608 © PSML.

114 pinturas, essencialmente junto de particulares (Husson da Câmara, Sousa Lobo, Cambiaço, Pereira Crespo, conde de Farrobo, Silva Oeirense, Bustelli entre outros). Estas coleções revelaram-se todavia férteis em obras de autenticidade duvidosa que o olhar pouco experimentado dos professores de pintura da Academia, reunidos em comissão especial para o efeito, tomou quase sempre por genuínas. Cabe ainda assim assinalar a compra de alguns valores seguros, como um painel de predela de Rafael (MNAA, inv. 568 Pint), sem esquecer o apreciável conjunto de autores flamengos e holandeses do século XVII (David Teniers, Jan Steen, Gerrit Dou ou Pieter Neefs, só para dar alguns exemplos). Mau grado a preferência por mestres estrangeiros, adquiriu-se ainda um conjunto significativo de trabalhos de Domingos Sequeira, entre os quais a *Alegoria à Constituição* (MNAA, inv. 497 Pint), consequência do interesse que Sousa Holstein dispensava ao artista, de quem publicou um ensaio biográfico (Fig. 2).

Muito embora a verba tenha sido dirigida à compra de pinturas, D. Fernando autorizou a aplicação de uma parte para a organização da galeria académica, tornando possível a encomenda de molduras (poucas eram as tábulas e telas dos conventos extintos que as possuíam), a realização de obras nas salas destinadas a acolher os quadros, entre outros melhoramentos. A 29 de março de 1868 seria, por fim, inaugurada a Galeria Nacional de Pintura, com toda uma sala reservada às obras adquiridas com o donativo real, batizada de Sala de D. Fernando, espaço que se manteve até à transferência do acervo para o Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia, inaugurado em 1884.

D. Fernando II foi visita sempre presente nas exposições públicas promovidas pela Academia, sucedendo o mesmo com as exposições da Sociedade Promotora de Belas Artes, de que foi sócio-fundador. Tornou-se um comprador fiel, reunindo no Palácio das Necessidades e no da

Pena a maior e mais destacada coleção dos artistas nacionais do seu tempo, muitos dos quais representados com obras de primeira importância no nosso contexto, como os *Cinco Artistas em Sintra*, de Cristino da Silva (MNAC, inv. 23). Interessou-se de igual modo pela pintura antiga, tendo efetuado aquisições e recolhido o que de relevante restava nos palácios reais, a exemplo do *Casamento Místico Santa Catarina* de Hans Holbein, o Velho (MNAA, 1466 Pint).

A atividade colecionista do rei estendeu-se às gravuras e desenhos de diferentes mestres, organizados em pastas na sua biblioteca, e aos diversos ramos das chamadas “artes decorativas”, cuja compra terá posto em moda entre a sociedade lisboeta, como asseguram alguns contemporâneos. Merecem destaque a cerâmica de diferentes épocas e manufaturas que reuniu de forma compulsiva, os objetos em vidro e as armas antigas a que consagrou salas específicas no Palácio das Necessidades, e sobretudo a ourivesaria, onde avultavam salvas e gomis quincentistas, entesourados no seu gabinete de trabalho daquele palácio. O interesse por este último domínio levou-o a intervir no sentido de se incorporarem nos bens da Coroa peças tão representativas como a *Custódia de Belém* (MNAA, inv. 740 Our) ou a *Cruz de D. Sancho* (MNAA, inv. 540 Our), conservadas até 1845 na Casa da Moeda, onde haviam recolhido do Mosteiro dos Jerónimos e do Convento de Santa Cruz de Coimbra respetivamente.

Aquelas e outras alfaias litúrgicas da Coroa e da sua coleção pessoal, tal como as largas dezenas de peças de ourivesaria civil que detinha, despertaram o interesse do *art referee* do *South Kensington Museum* de Londres (atual *Victoria & Albert Museum*), John Charles Robinson (1824-1913), de visita a Lisboa em 1865. A pedido do especialista inglês, e com o objetivo de se estudar e divulgar parte selecionada do acervo, o rei acedeu à realização de uma campanha fotográfica, de que se encarregou o fotógrafo do museu



FIG. 2 Domingos Sequeira, *Alegoria à constituição de 1822*, óleo s/tela, MNAA, inv. 497 Pint. Fotografia de Luísa Oliveira © DGPC/ADF.

londrino, Charles Thurston Thompson, iniciativa pioneira entre nós. Para D. Fernando II, Robinson escreveu uma “memória” sobre a antiga escola portuguesa de pintura, centrada no caso do pintor Vasco Fernandes, clarificando algumas problemáticas que o envolviam, trabalho publicado em 1866.

Destacou-se igualmente o rei-consorte por participar em algumas exposições com a cedência de peças das suas coleções, podendo assinalar-se, logo em 1851, a *Exposição Philantropica*, grande e heterógena mostra de obras de arte organizada com o patrocínio da imperatriz-viúva do Brasil na Sala do Risco do Arsenal da Marinha. Tratou-se da primeira grande iniciativa do género realizada entre nós, contando com empréstimos de diversos particulares e de alguns organismos públicos, contribuindo D. Fernando com cerâmicas, armas e armaduras, pedras-duras, marfins e mais de três dezenas de pinturas antigas e modernas. Este certame repetiu-se

em 1858, tendo nele figurado as alfaias litúrgicas da Coroa que haviam sido transferidas da Casa da Moeda por iniciativa do monarca.

Especial importância neste âmbito assume a *Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Hespanhola*, promovida no Palácio Alvor-Pombal, em 1882, no seguimento de uma de uma mostra congénere realizada um ano antes no *South Kensington Museum* de Londres. D. Fernando II seria convidado para presidir à comissão diretora dos trabalhos, tendo-lhe sido disponibilizada uma sala para expor as suas peças, a sala F, numa justa homenagem ao seu papel enquanto colecionador.

Falecido três anos mais tarde, em Lisboa, a 15 de dezembro, permanece como um dos maiores vultos culturais de Oitocentos, estando a sua ação presente em algumas das nossas coleções públicas, reflexo da dispersão do património móvel por si reunido e da atividade mecenática desenvolvida.

BIBLIOGRAFIA

- Catalogo dos objectos particulares colocados na exposição philantropica*. Lisboa: Imp. Nacional, 1851.
- Catalogo illustrado da Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Hespanhola, celebrada em Lisboa em 1882 sob a protecção de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz e a presidência de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1882.
- TEIXEIRA, José. 1986. *D. Fernando II: rei-artista: artista-rei* (cat. expo.). Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- XAVIER, Hugo. 2016. "D. Fernando II e o enriquecimento do acervo da Academia de Belas Artes de Lisboa". Neto, Maria João; Malta, Marize (eds.) – *Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX: as Academias de Belas-Artes; Rio de Janeiro; Lisboa; Porto (1816-1836)*, pp. 475-488.
- XAVIER, Hugo (coord.). 2016. *Fernando Coburgo fecit: A atividade artística do rei-consorte*. Sintra: PSML.

[H.X.]

HUGO XAVIER Doutorado em História da Arte na especialidade de Museologia e Património Artístico pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a tese: *O marquês de Sousa Holstein e a formação da Galeria Nacional de Pintura da Academia de Belas Artes de Lisboa* (2014), publicada pela Caleidoscópio/DGPC na Coleção Estudos de Museus (2018). Licenciado em História da Arte (2003) e Mestre em Museologia e Património (2009) pela mesma Faculdade, com a dissertação *Galeria de Pintura no Real Paço da Ajuda*, publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (2013). Foi bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia (Mestrado e Doutoramento) e é membro do Instituto de História da Arte da FCSH/UNL, integrando a linha de *Museum Studies*. Foi técnico superior do Museu de Artes Decorativas Portuguesas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva e desempenha, desde 2014, as funções de conservador do Palácio Nacional da Pena e do Palácio de Monserrate (Parques de Sintra – Monte da Lua, S. A.).

DICIONÁRIO

Quem é Quem na Museologia Portuguesa

FICHA TÉCNICA

Título

Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa

Coordenação Científica e Editorial

Emília Ferreira (MNAC-MC; IHA-FCSH/NOVA)

Joana d'Oliva Monteiro (IHA-FCSH/NOVA)

Raquel Henriques da Silva (IHA-FCSH/NOVA)

Comissão Científica

Adelaide Duarte (IHA-FCSH/NOVA)

Alexandre Nobre Pais (MNAz)

Ana Carvalho (CIDEHUS-UÉ)

Ana Cristina Martins (IHC-FCSH/NOVA)

Clara Frayão Camacho (DGPC; IHA-FCSH/NOVA)

Duarte Manuel Freitas (CHSC)

Elisabete Pereira (IHC-FCSH/NOVA)

Emília Ferreira (MNAC-MC; IHA-FCSH/NOVA)

Graça Filipe (IHC-FCSH/NOVA)

Helena Barranha (IST-UL; IHA-FCSH/NOVA)

Joana Baião (IHA-FCSH/NOVA)

Joana d'Oliva Monteiro (IHA-FCSH/NOVA)

João Brigola (CIDEHUS-UÉ)

Lúcia Almeida Matos (FBAUP; IHA-FCSH/NOVA)

Maria de Aires Silveira (MNAC-MC)

Marta C. Lourenço (MUHNAC)

Paulo Oliveira Ramos (Uab; IHA/NOVA FCSH)

Raquel Henriques da Silva (IHA-FCSH/NOVA)

Sandra Leandro (UÉ; IHA-FCSH/NOVA)

Revisão de conteúdos

Ana Caeiro

Design

José Domingues (Undo)

Edição

Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/NOVA

e-issn: 978-989-54405-0-4

2019

Projeto editorial desenvolvido no IHA/NOVA FCSH, financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto Estratégico do IHA [UID/00417/2013].

Apoio da Direção-Geral do Património Cultural.

© Autores e Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/NOVA.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade Nova de Lisboa

Av. de Berna, 26-C

1069-061 Lisboa

www.iha.fcsch.unl.pt